

Nº 11
ANO 01
Abril
2000

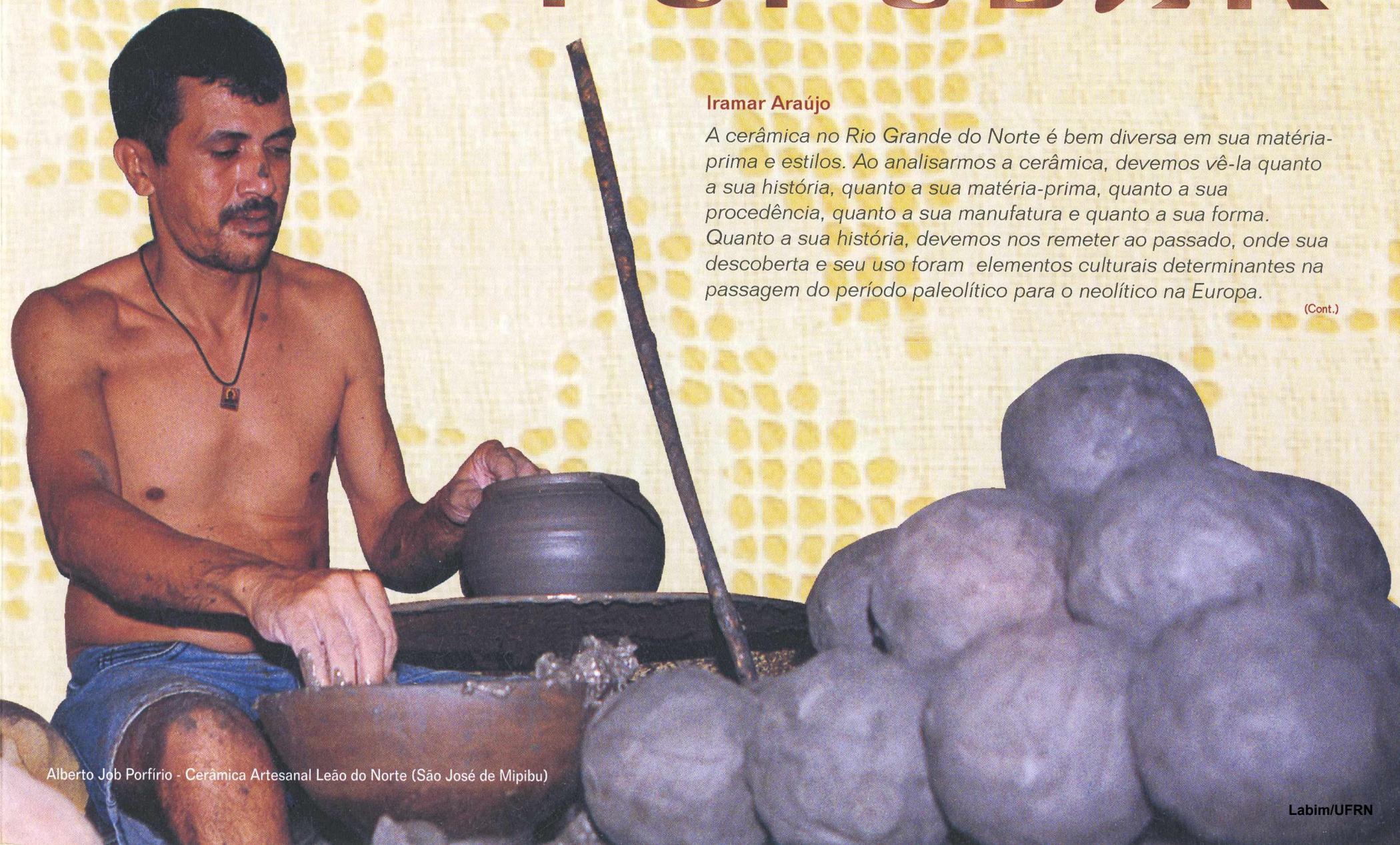


Galante

Scriptorim **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO



CERÂMICA POPULAR



Iramar Araújo

A cerâmica no Rio Grande do Norte é bem diversa em sua matéria-prima e estilos. Ao analisarmos a cerâmica, devemos vê-la quanto a sua história, quanto a sua matéria-prima, quanto a sua procedência, quanto a sua manufatura e quanto a sua forma. Quanto a sua história, devemos nos remeter ao passado, onde sua descoberta e seu uso foram elementos culturais determinantes na passagem do período paleolítico para o neolítico na Europa.

(Cont.)

Sua descoberta como utensílio caracterizou mudanças de hábitos nômades para o sedentário, principalmente para armazenar e transportar água por grupos indígenas primitivos. Vários autores citam lendas e mitos indígenas sobre seu surgimento. Citamos Claude Lévi-Strauss, "Os Yacaná, que também vivem no sopé dos

Andes, mas bem mais ao sul, cercavam a prática da cerâmica de precauções rígidas. As mulheres, que são as únicas a praticar essa arte, iam solenemente buscar a argila durante o período do ano que não era dedicado às colheitas. Por medo do trovão, e para que

ninguém as visse, escondiam-se num lugar afastado, construíam um abrigo e celebravam ritos. No momento de iniciar o trabalho, observavam um silêncio absoluto, só se comunicavam por meio de sinais, pois estavam certas de que se dissessem uma

só palavra, seus potes rachariam durante o cozimento. Além disso, mantinham-se longe dos maridos, porque, se não o fizessem, todos os doentes morreriam". Como atividade feminina, as "oleiras", como eram chamadas as mulheres indígenas que produziam os utensílios para suas tribos, eram disputadas e, em alguns casos, tomadas por grupos rivais como peça símbolo de poder. No Brasil, a cerâmica dita arqueológica, que é o primeiro tipo de procedência, é encontrada com datações que variam de 10 a 15 mil anos. Na Região Norte, encontramos a cerâmica produzida na Ilha do Marajó.

Composta por diversas fases distintas que representam a dinâmica do desenvolvimento cultural dos antigos habitantes da ilha. É rica em detalhes externos e formas, com decorações em baixo e alto relevo. Temos também a

Tapajônica, produzida por grupos habitantes das margens do rio Tapajós, também do Norte. É uma cerâmica atípica a toda produzida no país, composta de vasos com aplicações de figuras em forma de cariátides, ofertórios e urnas funerárias. A cerâmica produzida pelos Tupi-Guarani é caracterizada como uma das mais bem elaboradas por nossos antepassados. Sua riqueza é vista na policromia da decoração e adorno, bem como na variedade das formas. Encontram-se grandes quantidades de "igaçabas", urnas funerárias e ofertórios de tamanhos diversos, típicos de nossos

habitantes litorâneos. No Rio Grande do Norte, as pesquisas arqueológicas dos anos setenta, desenvolvidas por Nássaro Nasser e Elizabeth Cabral (IMCC/UFRN), resgataram cerâmicas produzidas por grupos primitivos com tipologias características de fases culturais bem definidas e muito bem elaboradas. É conhecida como a cerâmica da fase "Papeba". Alguns exemplares podem ser vistos no Museu Câmara Cascudo, aqui em Natal.

Quanto a sua matéria-prima, cerâmica é uma argila composta de feldspato e antiplásticos, conhecidos como tempero. São os elementos usados pela ceramista para segurar e dar sustentação ao objeto. É composto de variados elementos desde restos de outros "cacos" de peças inutilizadas, a pequenos galhos, pedras, sabão moído, carvão e areia. A argila é encontrada às margens dos rios, lagoas e açudes, sua coloração é variada de acordo com a quantidade de minerais do local. Quanto a sua procedência, a cerâmica pode ser: a



Dona Neném (falecida)
São Gonçalo do Amarante

Galante

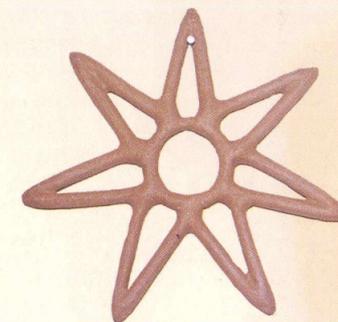


Modelagem de Gonçalo

arqueológica, que é a de nossos antepassados, a antropológica, que é a produzida pelos nossos índios contemporâneos, por fim, a etnográfica, que é a produzida atualmente por ceramistas populares e comercializadas nos centros urbanos. É dividida em utilitária, composta por utensílios de uso doméstico, tais como, potes, vasilhas, vasos, travessas e moringas. E a lúdica, que é composta de peças em miniatura para o divertimento das crianças. É para brincar de boneca, de casinha, para as meninas, para os meninos, os cavalinhos, cachorros e outros bichinhos. E a decorativa, composta de peças mais elaboradas, para embelezar a casa, como bonecas, vasos antropomorfos ou de formas humanas e zoomorfos, ou forma de animais, caneca e uma gama de peças que varia de acordo com a inventividade de nossos artistas. Vale lembrar que na época do governo municipal de Djalma Maranhão, nos anos sessenta, o símbolo do seu governo era uma moringa



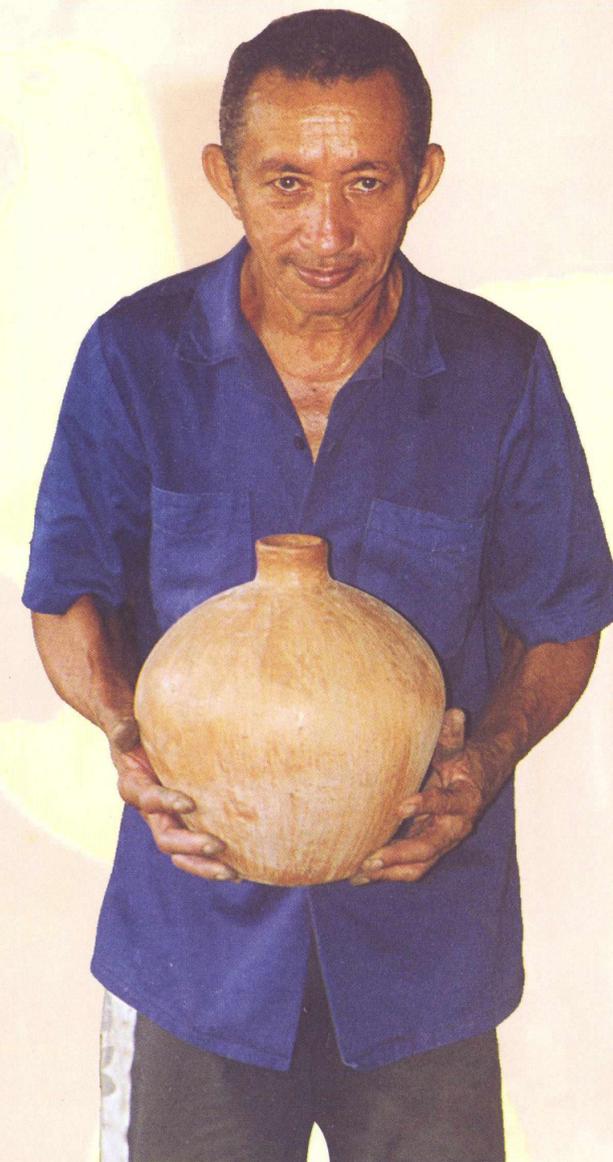
Dona Marta Job
(São José de Mipibu)



Dona Marta Job
(São José de Mipibu)



Chico Faisca
(Caicó)



Gonçalo (São Gonçalo do Amarante)



Etewaldo Cruz (Ceará-Mirim)

Scriptorium **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

Galante

Av. Antônio Basílio, 3025, s.501, Lagoa Nova,
Natal-RN. Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790.
E-mail: mensagens@candinhaBezerra.com
Internet: www.candinhaBezerra.com

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Programação visual
D & S Publicidade

Colaborador
Iramar Araújo
Professor adjunto da UFRN. Mestre em
Arqueologia do Nordeste/UFPE

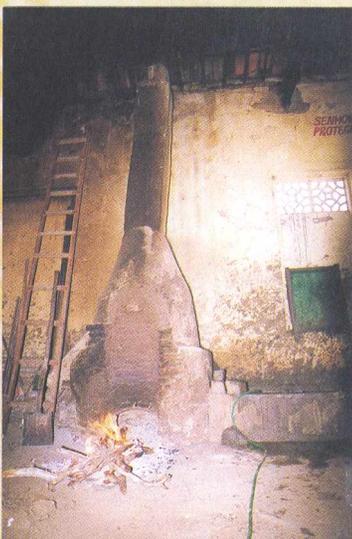
Apoios
Tribuna do Norte
TV Cabugi

Você encontra a capa dura para
coleccionar o seu **Galante**, nas principais
bancas da cidade, Scriptorium Candinha
Bezerra e Fundação Hélio Galvão.



Feira das Rocas

a produzir seus galos, moringas, quartinhas, bonecas e bichinhos, numa argila que, após a queima, antes era escura quase preta, depois branquinha e porosa. Decorava suas peças com ramos de flores, pintados com tinta de esmalte. Dona Marta com sua família. Também falecida, seus filhos continuam sua arte. Era uma das únicas que usava torno para fazer suas peças. Conjuntos de feijoada, vasos grandes, travessas, conjuntos de frutas tropicais, esculturas de animais, leões e cachorros. Dona Raimunda Cícera da Conceição, de



Forno da Cerâmica Artesanal Leão do Norte (São José de Mipibu)

Caicó. Faz conjuntos de feijoada, travessas, moringas e figuras antropomorfas. Usa um torno rudimentar, que é o manuseio da peça em forma circular da areia sobre uma tábua. É a única que usa pedra-sabão, comum na região do

Seridó, como antiplástico. São vários os artistas e núcleos cerâmicos do Rio Grande do Norte: Sebastiana Lins da Silva (Montanhas), Ciça do Barro (Várzea), Cícera Maria da Conceição (São José de Campestre), Maria do Carmos de Biopina (São José de Campestre), Severino Ramos Moreia, o Biu (Pedro Velho), Severina Maria de Jesus (Pedro Velho), Luiz Ribeiro da Silva (Pedro Velho), José Lourenço (Lagoa Salgada), Gonçalo (São Gonçalo do Amarante), Etewaldo Cruz (Ceará-Mirim), Chico Faisca (Caicó), Negros do Riacho (Currais Novos) e a cerâmica utilitária em barro branco de Cruzeta e a de Sobrado, distrito de Monte Alegre.

Observamos que esses artistas, que tiveram seu aprendizado no ofício através da oralidade ou de mãe para filha, com o desenvolvimento da tecnologia, tendem a desaparecer, pois suas peças quando utilitárias perderam o uso, além do interesse do poder público, somente as decorativas são procuradas por turistas como souvenir ou lembrancinhas.

Devemos diferenciar o artista popular, que é aquele que cria suas peças com refino sem a imediata preocupação comercial, do artesão, que é aquele que reproduz em série aquilo que às vezes cria, escoando rapidamente sua produção em feiras livres e estabelecimentos comerciais especializados, sempre se adaptando a todas as mudanças. São elementos transmissores de hábitos e costumes de uma classe. A sua importância se equipara à das oleiras das quais falamos no início do texto.



Glória Maria da Silva (Sobrado - Monte Alegre)

P R O J E T O

Potiguar

UP UNIVERSIDADE POTIGUAR

Nossa cultura, nosso saber.